

MUITO ALÉM DO PHOTOSHOP

No mundo da ilustração, diz o artista, o desenho é comunicação: tem de ser imediato, espontâneo, sem a pretensão de ser genial

por Weberson Santiago
Foto José Geraldo Oliveira

Nascido em São Bernardo do Campo em 1983, Weberson Santiago nunca morou lá. Foi criado em Mauá, num ambiente evangélico. Aprendeu a tocar piano e clarinete na Congregação Cristã no Brasil – e desse período guarda o clarinete. Filho do torneiro mecânico Eliseu Santiago e de Leonice Rodrigues Santiago, desde os 12 sabia o que queria fazer: quadrinhos de super-heróis. Com 18 anos abandonou a igreja e veio para São Paulo, estudar na Quanta Academia de Artes. Formou-se em Design Gráfico na UMC-Universidade de Mogi das Cruzes, onde leciona Desenho no curso de Produção Multimídia. Trabalha como ilustrador no jornal *Folha de S.Paulo* e nas revistas *Getulio, Rolling Stone* e *Nova Escola*. Já publicou nas editoras Abril e Globo e na Ibep (antiga Editora Nacional). Não tem paciência de ficar muito tempo diante de uma imagem. Gosta do traço rápido, sem muito tempo para refletir. Atirando para todos os lados, fez capa de livro, coloriu os quadrinhos da série de TV 24 horas e criou a animação do clip do grupo Velhas Virgens. E acaba de ganhar o prestigiado troféu HQMIX 2009. A seguir trechos da conversa que manteve com *Getulio*.

Homem Aranha em Mauá

Nasci prematuro de sete meses e, extremamente agitado, gosto de fazer tudo ao mesmo tempo agora. Minhas três grandes paixões: desenho, música e rádio. Aos 7 anos lembro-me que meu pai comprava o *Diário do Grande ABC* e junto vinha o *Diarinho*. "É isso que quero fazer, desenhar para jornal." Sou apaixonado por quadrinhos. Não faço porque dá um trabalho enorme. Sou ansioso, preciso resolver tudo imediatamente. A ilustração é um meio de resolver rapidamente as coisas. Desde moleque vivia enfiado na banca de jornal do bairro. Queria trabalhar, mas menino de 11 anos não é muito confiável *[risos]*. Como todo mundo conhecia minha família, insisti com o dono *[Alex Siqueira Imberno]* e consegui o emprego. Foi ótimo, pois lia de tudo e de graça. Meu salário torrava na compra de gibi e às vezes ainda ficava devendo. Depois consegui emprego na padaria do bairro, ou seja, trabalhei desde cedo... A padaria abria as 6 da manhã! Mas voltei para a banca para ser sócio do Seu Flávio, pai do Alex. Eu com 14 anos e ele 55. Não sei como um senhor topa ser sócio de um moleque!

No ABC ter uma profissão era ser pedreiro, comerciante ou metalúrgico. Meus pais não queriam saber de desenho, não conheciam nenhum desenhista, artista, escritor. Pessoa bem-sucedida trabalhava na Volkswagen. Hoje entendo, mas na época fiquei passado. Acreditava que daria certo. Em 1993 descobri que Luciano Queiroz, desenhista do *Homem Aranha*, morava em Mauá. Fiquei doido com a notícia e mostrava o jornal para meus pais. "O Luke Ross, que desenha o *Homem Aranha*, mora aqui!" Era surreal! Se o desenhista do *Aranha* mora na minha cidade, por que não posso trabalhar com desenho? Isso me motivou.

Em 1997, Marcelo Campos, Roger Cruz, Rogério Vilela, JP Martins e Octavio Cariello se juntaram e fundaram a Fábrica de Quadrinhos, estúdio e escola de artes – depois virou Quanta Academia de Arte. Com 13 anos vim para São Paulo estudar com eles. Todos atuavam no mercado e compartilhavam as experiências do dia a dia com a sala de aula. Essa turma me despertou para outras formas de arte. Lá aprendi tudo o que sei de desenho. O Marcelo Campos é meio como pai. Por ser muito persistente, sinônimo bonitinho para chato, comecei a trabalhar no estúdio. Achei que ia desenhar, né? Ia a banco, atendia telefone, fazia café, fechava a escola. Tudo menos desenhar. Às vezes não ia para casa e virava a madrugava vendo a turma trabalhar. "Me deixa pintar um desenho!" Venci pelo cansaço. Resolveram me usar, já que vivia enfiado lá dentro e era "persistente".

As escolas criam clones

Tudo o que aprendi sobre desenho foi na Quanta, na faculdade aprendi pouco. Achava que não precisava ir à universidade. A maioria dos desenhistas com quem convivia não tinha feito faculdade. Besteira minha pensar assim. Minha mulher *[Stella Martins Santiago]* me incentivou muito, mas havia o problema da grana que não tinha. Fui contratado para fazer uma campanha publicitária e recebi uma grana boa. Peguei todo o dinheiro e paguei adiantado um ano de mensalidade na São Judas Tadeu. Casei e fui morar em Mogi das Cruzes, transferi o curso para lá. Formei-me designer gráfico e hoje leciono no curso de Produção Multimídia na UMC.

O desenho tem uma beleza plástica que enche os olhos, cria uma ilusão e às vezes a gente perde a alma do negócio. Quando comecei a ensinar desenho, tive a preocupação de não criar clones. Existem salas de aula onde todos desenham bem, mas sempre igual ao professor. Isso é pecado. Essa influência é maléfica, mata o potencial de expressão. A maravilha é o jeito como cada um se expressa. O estudante que não desenha tem medo, pois acha seu traço ruim – preconceito, quem já desenha chega cheio de vícios.

O que é o desenho? Nada mais que uma forma de comunicação. Demorei a descobrir isso. No aprendizado tem a primeira fase: técnicas de proporção, de anatomia, de perspectiva. Em seguida vem o mais importante: a descoberta de que o desenho é um exercício de comunicação e expressão. Quando entro em sala de aula pergunto: "Quem desenha?" Um ou dois levantam a mão. Na verdade todos desenham, pois escrevem seu nome. A escrita é desenho. O *A* de um é interpretado da mesma forma que o *A* que o outro desenha, embora diferentes. As letras transmitem a mesma mensagem, só que cada um tem uma expressão diferente. Essa descoberta quebra o preconceito de que desenho precisa ser bonitinho e certinho. O aluno passa a desenhar para transmitir uma ideia, uma mensagem ou sensação. Todo professor precisa ajudar o aluno a descobrir isso. O desenho é a alma da comunicação visual e ponto final.



Leveza e sensualidade em aquarelas do dia a dia

O desenho está presente em tudo, existe antes da fala e da escrita. Às vezes estou no boteco e desenho no guardanapo e em casa quero passar a limpo. É a maior besteira, pois perde a espontaneidade, a expressividade. Naquele momento não tinha a intenção de ser genial. Um cara de uma agência viu o meu blog. "É isso que quero para a campanha da Ambev!" Falei que teria de fazer o trabalho no trem, porque foi onde produzi aqueles desenhos – numa época em que pegava trem. Por isso eram tremidos, mas espontâneos. As pessoas me contratam não porque sei desenhar direitinho e fazer bonito. Sou contratado porque sei comunicar e meus desenhos falam alguma coisa.

De skate na contramão

Falta humildade em quem está começando. É preciso respeitar o que já foi feito e curiosidade em saber quem são os grandes do desenho. Assumi um estilo próprio depois de conhecer artistas como Al Hirschfeld. Ele tinha um traço superelegante e imortalizou atores de Hollywood e da Broadway. Esse caricaturista americano trabalhava para os jornais *The New York Times* e *Herald Tribune*. Faleceu aos 100 anos, em 2005, e trabalhando. Também admiro um inglês louco, o Ralf Steadman. Como o Hirschfeld, trabalha com bico de pena, só que é um resultado sujo, manchado. É fascinante ver a paixão com que esses dois trabalhavam. E aqui gosto do Orlando Pedroso *[ilustrador da* Folha*]*, mas me influencia tanto que não gosto de olhar seu trabalho, pois corro o risco de copiar.

Aos 14 anos, enquanto a garotada andava de skate na rua, eu estava arrumando uma forma de criar um fanzine. Junto com Alex, criei um informativo com os lançamentos da nossa banca. Escrevia, datilografava, xerocava e distribuía de porta em porta. Claro, era muito ruim *[risos]*. Como gosto de ir na contramão, em 2002 quis fazer um fanzine gratuito e com distribuição nacional e lutei durante anos pelo *Ainda?* "Você está tentando fazer esse negócio ainda?" Era produção dos alunos da Quanta, Ainda com interrogação. Quando conseguimos, tiramos a interrogação e colocamos uma exclamação. Virou *Ainda!* A última edição teve 12 mil exemplares. Vendia anúncio para lojas de quadrinhos, pagava a impressão e, numa parceria com a Editora Devir, distribuíamos para todo o Brasil.







Portfólio: El Torero Torto, Ninguém Beija como as Lésbicas (encarte do CD) e uma ilustração tirada do blog

Hoje o fanzine migrou para o blog. O que é legal, pois multiplica os leitores e acontece a interatividade. A comunicação tem que bater e voltar. É igual dar aula, desenhar se completa quando dou aula, é o momento de colocar em ordem o pensamento, discutir a produção e aí vem o retorno. O Marcelo Salomão, um amigo de infância, e eu desejávamos editar um jornal de sacanagem, de conteúdo duvidoso, com notícias fictícias e barbaridades. E em 2008 lançamos a *Gazeta Cucaracha*, inspirada no *Planeta Diário [tablóide de humor publicado entre 1984 e 1992]* do Hubert, Reinaldo e Cláudio Paiva (www.gazetacucaracha.blogspot.com). Na *Gazeta* não desenho, trabalho com humor escrito. O mundo precisa de um pouco de sacanagem e diversão. Ainda quero criar uma revista, para ser comercializada em banca ou supermercado. Um negócio barato, igual ao o gibi ou á revista *Mad*, que era comprada com o troco do pão.

Lápis, nanquim e tecnologia

A tecnologia é fascinante, os softwares tentam imitar a prática manual e artesanal, mas há o risco de com eles perder a essência. Quando trabalhava na Fábrica, atendia telefone e ficava com um papelzinho anotando coisas e rabiscando desenhos. Um dia resolvi escanear e colorir no Photoshop e, Putz! Transformou-se em ilustração. Faço questão de desenhar tudo no papel com lápis e nanquim e aí aplico cor no computador. Hoje trabalho assim, mas quero usar cada vez menos o computador e desenhar a mão. Ter aquele momento em que a tinta cai no papel e a gente pensa que estragou tudo, quando na realidade surge algo novo, inusitado. Durante o processo artesanal, os erros e defeitos podem se transformar em efeitos.

Parceria entre autor e ilustrador

Recebi um e-mail da Olivia Rabacov me perguntando quanto cobraria para fazer um só desenho para vender um projeto. Sempre quis ilustrar um livro infantil. "Não cobro nada se me deixar ser sócio." Ela topou. Ilustrei e corremos atrás e o livro *Enchente* saiu pela Editora Mar de Ideias. É a história de um menino que vivia protegido em seu mundo até descobrir sua grande solidão, um livro infanto-juvenil que encanta todo tipo de leitor. A história é muito boa e, modéstia à parte, as ilustrações são primorosas. Usei apenas 5% de Photoshop, os 95% restantes foi lápis, nanquim e tinta acrílica. Fizemos uma bela parceria. Acho um crime considerar o ilustrador apenas mão de obra, não dar crédito de autoria. É mesquinho que alguns autores não aceitem a co-autoria. Vaidade e ganância.

Gosto de parceria e contato com as pessoas: ao vivo, percebemos coisas que no virtual é impossível. Na *Folha de S.Paulo* posso trabalhar só pela internet, mas faço questão de encontrar com as pessoas, pois enriquece o trabalho. É o lado humano das relações que não quero perder. Conheci pessoalmente a Rosely Sayão *[colunista da* Folha *que tem seu espaço ilustrado por Weberson]* e mantenho contato com todos que participam do processo, colunistas, repórteres, editores de arte.

Desde 1995 me tornei fã das *Velhas Virgens*, banda alternativa com 25 anos de estrada e com um som escrachado, muita sacanagem e nada politicamente correto. É um sucesso, mas não é badalada pela mídia. Mandei um e-mail para o guitarrista Alexandre Cavalo: "Sou fã e estou oferecendo o trabalho, faço até de graça". Eles estavam gravando o *Ninguém Beija Como as Lésbicas*. A Jú Vechi, esposa do Cavalo, fez o projeto gráfico e eu desenhei para a capa e o encarte do CD. E como se não bastasse, me meti a fazer o videoclipe *Velho Safado [pode ser visto no YouTube]*. Isso foi agora em outubro. Queria experimentar essa linguagem nova da animação. O show da banda tem uma proposta diferente: *ópera rock*. No fundo do palco tem uns painéis e um boneco inflável gigante que concebi. É muito legal ver o trabalho tomando forma – e ele tem um quê de luxúria. Mas não sou depravado, não *[risos]*, e o clip casou superbem com o espírito da banda.





Acima, capa do livro *Enchente*, produzido em parceria com Olivia Rabacov. À direita, ilustração para a revista *Menu*

Quadrinhos: primeira paixão

Em 2004 participei da colorização dos quadrinhos da série *24 horas* para a editora americana IDW Publishing. Isso me deu muita visibilidade, mas foi industrial. "O prazo está apertado. Corre!" Naquele mesmo ano colori para a Panini Itália, junto com a turma da Quanta, diversas tiras da Mafalda *[personagem do argentino Quino]*. Trabalhos famosos abrem portas. Em 2009 mostrei o meu portfólio na Editora Aleph. Eles preparavam o relançamento de *Ubik*, do Philip K Dick, e queriam uma capa com linguagem atual. O livro foi eleito pela revista *Time*, em 2005, um dos 100 melhores romances de língua inglesa publicados a partir de 1920. Achei sensacional e fiz uma releitura da capa original.

Mas meu trabalho foi reconhecido quando ganhei o prêmio de melhor ilustrador nacional do HQMIX 2009 *[é o Oscar nacional dos quadrinhos e humor]*. Criado em 1989 no programa *TV Mix* da TV Gazeta pelos cartunistas JAL e Gualberto Costa. O Serginho Groisman, que apresentava o programa, deu a maior força e até hoje é o mestre de cerimônias na entrega do prêmio. No entanto, a maior conquista é fazer o que gosto, trabalhar com desenho, ter uma estrutura familiar e curtir meu filho. Não tem nada a ver com dinheiro, mas ainda quero ganhar muito! Acho o casamento uma enrascada e tanto *[risos]*. É brincadeira, a Stella me mata! Para mim foi o melhor que aconteceu e é um desafio nestes tempos de relacionamentos descartáveis. O nascimento do Henrique, nosso filho, foi importante, trouxe senso de responsabilidade: existe alguém por quem sou responsável. Não sou amigo ou companheiro. Sou pai.

As "pegadas" dos diretores de arte

Todo mundo avisa: "Vai devagar." Se fizer isso perco a espontaneidade e vão morrer ideias: toda ideia não realizada morre. Um monte de gente vive frustrada por não concretizar suas ideias. Não consigo entrar no trabalho 9 horas e às 5 fechar a porta e voltar para casa, assistir à novela. Minha cabeça está o tempo todo a mil. Na hora que vou passear vejo algo, nossa que legal! Preciso anotar isso, isso e isso. Não posso perder nada. É assim que trabalho. Consigo ganhar uma grana boa, pois sou rápido e atiro para todos os lados. Não gosto de fazer só uma coisa, senão caio na rotina e entro num loop de repetir fórmulas. Aliás, foi um conselho do Rafael Costa, atualmente na DMS Criação, quando entrei no mercado, inovar e não se repetir. Crio para internet e publicidade, mas onde me realizo é no mercado editorial. É sensacional ver o meu trabalho na banca..

[Depoimento transcrito de entrevista concedida a José Geraldo Oliveira.]